



## Todas/os Juntas/os contra a LGBTIFOBIA



### 17 de maio é dia internacional de combate à LGBTIFobia

Em 17 de maio de 1990, a homossexualidade foi excluída da lista Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID). Mas após 20 anos, ainda é possível presenciar (dentro e fora da escola) discursos de ódio, xingamentos, agressões e assédios físicos e psicológicos às pessoas que não se enquadram nos modelos hetero-cisnormativos.

Neste mês de maio, a APPSindicato preparou esse Jornal Mural e uma edição virtual do Jornal 30 de agosto especiais em defesa de uma educação com respeito e sem preconceitos. Leia os conteúdos, debata em sala de aula e com a equipe pedagógica e dissemine esse conteúdo do respeito a todas as famílias e de valorização à vida.

### Você sabia? O silêncio nas escolas é prejudicial!

Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, materiais que debatem gênero e diversidade sexual não têm o objetivo de estimular "a sexualidade precoce", as escolas não têm a intenção de promover a homossexualidade.

Falar sobre gênero na escola é, de forma apropriada a cada idade, transferir conhecimento sobre os conceitos de vida em sociedade. É também na escola que as/os estudantes precisam aprender a respeitar a/o outra/o e a combater a discriminação.

De forma saudável e enriquecedora, o ambiente escolar pode ser espaço para desenvolver programas de educação sexual que sejam embasados na valorização da cidadania para superar preconceitos. "A sexualidade é um assunto particular e inerente ao indivíduo, ela deve ser tratada pelo adolescente com a sua família e amigos. A escola precisa

ser espaço de conhecimento e respeito a todo e qualquer cidadão. Professores e funcionários devem realizar trabalhos preventivos que foquem na importância de respeitar os colegas, independente da orientação sexual", explica o professor Clau Lopes, secretário da Mulher Trabalhadora e dos Direitos LGBTI da APP-Sindicato.

A escola também deve estabelecer combinados e sanções para casos de agressão e deve abrir espaço para que as/os estudantes possam comunicar situações que vivenciam. "Falar de gênero não é estimular o relacionamento com pessoas do mesmo gênero. Sexualidade não se ensina. O que deve ser aprendido e reforçado é que a escola é um ambiente de convivência capaz de lidar com a diversidade de promover a segurança e o respeito", orienta o professor.

### A família é a base do respeito

...e a escola é o primeiro palco da vida em sociedade

A instituição familiar é o bem mais precioso de qualquer ser humano. Muitas vezes ela não é formada por um pai e uma mãe, mas sim por um tio, uma avó, um irmão, um amigo. Afinal, família é cuidado, afeto, carinho e muitos outros sentimentos tão fortes que só são encontrados dentro desse meio.

A família, por sua vez, está abraçando a causa LGBTI abordando o assunto entre parentes e amigos/as e comemoram a conquista de novos direitos. Cada vez mais jovens e adolescentes estão se sentindo seguros/os e acolhidos/os pelo ambiente familiar, onde podem falar da orientação sexual e identidade de gênero sem medo, pois cada vez mais as famílias estão entendendo que ser LGBTI não é algo opcional, mas uma das formas da sexualidade humana, além de lutar contra o preconceito e a violência todos os dias.

A ONG Grupo de País de Homossexuais (GPH) foi fundada em 1999 pela professora Edith Modesto, mãe de um filho homossexual. A ONG tem como objetivo auxiliar a aceitação e boa convivência entre familiares.

"Se um adolescente ou jovem que descobre e resolve contar que é homossexual ele pode sofrer muitas dificuldades devido à opressão trazida da sociedade. Para os familiares mais próximos, é também difícil entender a situação". Por isso, para Edith, é fundamental adquirir mais conhecimento sobre a diversidade de orientação sexual e a escola pode ser o local onde esses pais buscam apoio, onde estudos apontam que viver em um lar com aceitação ensina a lidar com a intolerância da sociedade e contribui de forma positiva para a saúde psicológica tendo um aumento na perspectiva de futuro do jovem.

### A arte como forma de superação

Na edição especial digital do Jornal 30 de agosto a APP-Sindicato preparou uma lista de filmes para embasar o debate sobre diversidade. Verifique a classificação indicativa e apresente às suas alunas e aos estudantes. Professora e professor e funcionária e funcionário há também um artigo acadêmico, publicado no site da APP, que analisa o uso das artes cênicas como ferramenta para desenvolver habilidades técnicas e humanas nas nossas/os estudantes. Vale conferir!

Por que o amor dos outros te incomoda tanto? Por que é tão difícil aceitar a felicidade de alguém que ama?

Essas perguntas foram facilmente respondidas, através do longa-metragem "Onde os Outros Não Existem", dirigidos por Clau Lopes e Raphael Pereira. O filme traz a discussão sobre amores que não são facilmente aceitos na sociedade brasileira. Todo o projeto faz parte do programa Teatrando na Escola,

idealizado pelo Professor Pedagogo e ator Clau Lopes com objetivo de esclarecer a comunidade escolar e estimular o debate sobre questão da LGTBTIFOBIA tão presentes no cotidiano.

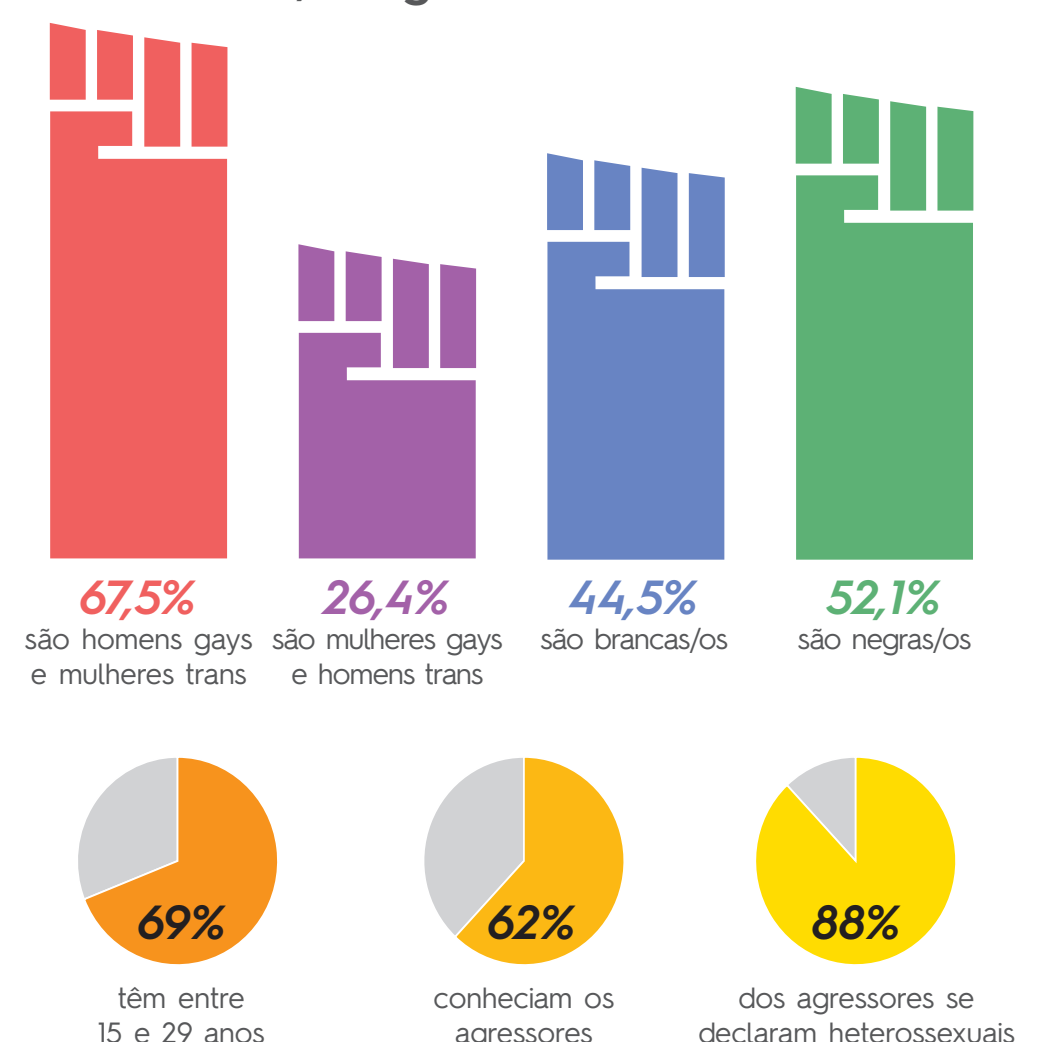
O professor ressaltou a importância de aproximar as/os alunas/os do Ensino Médio dos colégios da periferia com profissionais da área de audiovisual. "Isso fez do filme uma ferramenta pedagógica nas escolas", se orgulha Lopes.

Relacionamentos que enfrentam barreiras sociais e familiares são inspirações para artes desde muito antes de Shakespeare contar a história de Romeu e Julieta. Séculos depois, o amor ainda encontra barreiras para se manifestar. O filme, que teve estreia em 2016 no Cine Guarani em 17 de maio, está disponível no youtube com quase 200 mil visualizações.

Mais do que trazer a temática da LGBTIfobia para as telas de computadores, o projeto levou a discussão sobre sexualidade, gênero e raça para dentro das escolas públicas. Todo o trabalho foi realizado com estudantes de escolas públicas de Curitiba nas periferias.

### LGBTIfobia no Brasil

A violência atinge jovens e, na maioria dos casos, o agressor é conhecido



(Fonte: Relatório sobre a Violência Homofóbica no Brasil 2014 - Secretária Nacional dos Direitos Humanos)